

# Análise da obra *O Guarani* sob o enfoque da estética da recepção

Rosana Favaro Flores ©

## Abstract\*

*O Guarani*, written by José de Alencar, is known as an Indianist romance. For a better comprehension of the book, we will use the Estetic of Reception Method. Besides this theory, we will present a brief analysis of the book, in which it will be shown some differences of reader's reception from a period to other.

## Resumo

Em *O Guarani*, de José de Alencar, classificado como Romance Indianista, usaremos o método da Estética da Recepção para melhor entendermos a obra. Baseando-se nessa teoria, faremos uma breve análise da obra, onde tentaremos mostrar que há diferenças de recepção do leitor uma época para outra.

## Introdução

Neste trabalho analisaremos a obra *O Guarani*, romance de características românticas classificado como indianista e escrito por José de Alencar. A obra, escrita em 1857, conta a história de Peri e Ceci, ambientada no Brasil do século XIX. Sendo marcante na época em que foi escrita, isto porque, José de Alencar ao criar a história introduziu nela uma polêmica social: era a inaceitabilidade da miscigenação racial.

José de Alencar sabia que o leitor da época estranharia a sua obra, por isso o autor usou uma tática para fazer com que o leitor gostasse da sua produção: a construção de Peri. José de Alencar idealizou o índio, impondo-lhe características portuguesas, fazendo com que ele perdesse sua autenticidade. Assim, o leitor da época aceitou e gostou do índio (herói) e da história.

O romance alencariano, nesse trabalho, será abordado à luz da Estética da recepção, defendido por Hans Robert Jauss.

O método Recepcional ou Estética da recepção surgiu nos anos 60 e foi estudado por alemães da Escola de Constança. Esse método de análise da literatura faz parte das Correntes Sociológicas, visa o leitor dentro de um contexto histórico: valoriza o texto e o seu receptor, aceitando as múltiplas interpretações do mesmo. A recepção ocorre através do horizonte de expectativa do leitor. Para Jauss, a recepção segue três passos: a compreensão, a interpretação e a retrospectiva histórica.

Na Segunda metade do século XVIII, a Europa foi palco de uma renovação em todos os campos. Um novo estado de espírito se formava, em que o sentimento se sobrepunha à razão. Era o liberalismo nascente que se expandia, provocando a Revolução Francesa (1789) e uma série de movimentos (inclusive, guerras) para eliminar o absolutismo e o abuso de poder, exigindo, acima de tudo, igualdade de direitos e justiça social.

Nesse estado de coisas, a literatura também evoluiu e os autores buscaram, abandonando toda e qualquer tradição, afirmar sua personalidade. É a vitória do individualismo, a consagração do eu. As primeiras manifestações românticas ocorreram na Alemanha (com o romance *Werther*, 1774, de Goethe) e na Inglaterra.

O Romantismo marca o ápice do desenvolvimento burguês. Embora a multiplicidade de características desse movimento literário dificulte a sua nítida configuração estética, pode-se dizer que a sua essência reside na liberdade criadora e individual do artista. Desse ideal de liberdade e igualdade nasce e vibra o sentimento patriótico, na medida que a Pátria surge como desdobramento do próprio eu do artista. Esse patriotismo se traduz num nacionalismo ardente, na valorização dos elementos ligados à origem da Pátria (folclore, lendas, etc.), o que dá ao Romantismo um certo caráter popular que o distancia, ainda mais, do Neoclassicismo, de tendências aristocratizantes.

Na Europa a tendência nacionalista encontrou sua realização nos romances históricos,

\* Acadêmica do 4º semestre do Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Trabalho apresentado à disciplina Técnicas de Pesquisa em Letras como requisito parcial de avaliação, sob orientação do professor Alvaro Cândido Michelotti.

enquanto no Brasil gerou, além dos romances históricos, o indianismo, pois o índio é visto como o nosso herói, valoroso e nobre, formador da nossa nacionalidade junto com o homem branco e o negro; essa visão idealizante provocou uma deformação na análise do indígena, que adquiriu contornos legendários.

O Romantismo dominou a literatura brasileira de 1836 ao fim da década de 1870. Possui um expressivo cunho nacionalista, busca-se o passado histórico, exalta-se a natureza pátria; daí a forte figura de indígena relacionada a natureza brasileira. Por não termos um passado medieval fomos buscar no índio o símbolo da raça brasileira, as virtudes do homem nacional, o elemento de auto-afirmação e, de certo modo, de oposição ao português.

Inspirando-se nos procedimentos do cavaleiro medieval europeu, os escritores caracterizaram o índio como um nobre, e não é difícil fazer uma certa analogia entre o castelo medieval e a propriedade rural, bem como entre o heroísmo dos cavaleiros da Idade Média e a bravura e o destemor dos colonizadores que adentravam a selva brasileira em busca da riqueza do nosso solo.

O Romantismo é dividido em três gerações poéticas, que serão apresentadas abaixo com seus principais autores:

**Primeira Geração – Geração Nacionalista ou Indianista:** Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães e Araújo Porto Alegre.

**Segunda Geração – Geração do “Mal do Século”:** Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire e Fagundes Varela.

**Terceira Geração – Geração Condoreira:** Castro Alves, Tobias Barreto.

## 2.A vida e o estilo de José de Alencar

*Se a novela foi minha primeira lição de literatura, não foi ela que me estreou na carreira de escritor. Este título cabe a outra composição, modesta e ligeira, e por isso mesmo mais própria para exercitar um espírito infantil. O dom de produzir, a faculdade criadora, se a tenho, foi a charada que a desenvolveu em mim, e eu teria prazer em referir-lhe esse episódio psicológico, se não fosse o receio de alongar-me demasiado, fazendo novas incursões fora do assunto que me propus.<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> ALENCAR, José de. *Como e Porque Sou Romantista*. São Paulo, 1893.

José Martiniano de Alencar nasceu em Macejana, no Ceará em 1829. Ainda menino, transfere-se para o Rio de Janeiro com a família. Filho de um senador do Império, assiste em sua casa às reuniões que tramavam a maioria de Pedro II.

Formou-se em Direito em São Paulo (1850), fixando-se em seguida no Rio de Janeiro. Dedicou-se ao romance, à crítica, ao jornalismo, ao teatro e à política. É, todavia, como romancista que se coloca entre os primeiros da nossa literatura. Em 1859 ingressa na vida política, atuando pelo partido conservador; foi Deputado por várias legislaturas e chegou a Ministro da Justiça. Concorreu ao posto de Senador, que era cargo vitalício, mas é preterido por Pedro II; em consequência, Alencar passa a fazer oposição ao Imperador. Tuberculoso, morre em 12 de dezembro de 1877, no Rio de Janeiro.

Segundo a crítica, o estilo de José de Alencar é inconfundível. Levado por uma imaginação insuperável, surpreende o leitor com brilhantes comparações e figuras, aproveitando, para isto, com frequência, elementos indígenas e a natureza brasileira. Sua simplicidade, no entanto, não se identifica com simplismo e revela um autor sofisticado que aprofundou todas as contradições do chamado romance romântico.

Preocupou-se ainda Alencar com a criação de um estilo brasileiro, um modo de escrever que refletisse o espírito do nosso povo, as particularidades sintáticas e vocabulares do falar brasileiro, tendo acrescentado inúmeros tupinismos e brasileirismos à língua nacional.

José de Alencar era, também, um grande proprietário rural, político, conservador monarquista, escravocrata, um exagerado nacionalista, posições que, em especial o nacionalismo, transparecem em seus livros, filiados à estética romântica.

O romance de Alencar pode ser dividido em cinco modalidades: Romances Urbanos ou de Costumes, Romances Históricos, Romances Regionais, Romances Rurais e Romances Indianistas, sendo que nesse último se enquadra a obra *O Guarani*, a qual analisaremos.

## 3. A obra O Guarani

O romance é a história de um índio, Peri, apaixonado por uma mulher branca, Ceci.

*O Guarani*, de José de Alencar, enquadra-se na Escola Romântica, fase indianista, em que predomina o caráter nacionalista e que tenta romper com as idéias européias portuguesas.

O livro foi escrito em 1857 e continua sendo

interessante para os seus leitores, embora sua compreensão não tenha sido total num primeiro instante.

Cada leitor tem um parâmetro "X" de compreensão de uma obra, aquela que for difícil induzirá o leitor a ampliar seus horizontes de expectativas. Assim ele, o leitor, irá buscar dados reais sobre a idéia essencial da obra e do seu autor, ampliando seus horizontes e, conseqüentemente, coincidindo, da melhor maneira possível, com o horizonte do autor. No caso de *O Guarani*, o leitor precisa conhecer um pouco da vida de José de Alencar e da história do Brasil para que haja uma verdadeira "leitura" dessa obra (compreensão, interpretação e retrospectiva histórica).

As obras de José de Alencar são um retrato fiel de suas posições políticas e sociais. O leitor, sabendo que Alencar é um grande proprietário rural, consegue compreender melhor o personagem D. Antônio de Mariz que também era um homem de posses. O autor era um escravocrata e em sua obra não há escravidão, mas há a relação bem marcada de patrão (e sua família bem sucedida) e empregado, mostrando a superioridade do primeiro pelo segundo, que de certa forma, evidencia o pensamento monarquista de José de Alencar. Outra característica presente na obra *O Guarani* é o medievalismo representado pela questão de um senhor (senhor feudal) e vários indivíduos submissos a ele. Além disso, em caso de perigo, a casa de D. Antônio de Mariz servia de proteção como um verdadeiro castelo feudal:

*Em ocasião de perigo vinham sempre abrigar-se na casa de D. Antônio de Mariz, a qual fazia as vezes de um castelo feudal na Idade Média. O fidalgo os recebia como um rico homem que devia proteção e asilo aos vassallos [...].*<sup>2</sup>

Considerado um nacionalista exagerado, o autor faz a história da obra passar-se toda dentro do Brasil. Além disso, a presença do índio é uma constante, de importante significação. O romântico brasileiro, quando volta para o passado histórico, recua até a época da descoberta criando um traço marcante do nosso romantismo – o indianismo. Temos de maneira muito sutil, a miscigenação da raça portuguesa com a raça indígena, Isabel nasce de um romance de D. Antônio com uma índia.

Deve-se fazer uma leitura de trato mítico para captar os símbolos que aparecem no romance. A união de Peri e Cecília pelas águas tormentosas do Paraíba implica a reunião de raças procriadoras da nacionalidade, como pedia a etnologia

romântica perfilhada por José de Alencar.

A luta dos Aimorés, por exemplo, contra a família de D. Antônio de Mariz e os aventureiros pode ser relacionada com a luta dos cristãos contra os bárbaros na Idade Média, segundo Brito Broca. O romance romântico brasileiro dirigia-se a um público mais restrito do que o atual: eram moços e moças provindo das classes altas, e, excepcionalmente, médias; eram os profissionais liberais da corte ou dispersos pelas províncias: era, enfim, um tipo de leitor à procura de entretenimento, que não percebia muito bem a diferença de grau de Macedo e um Alencar urbano.

Para esses devoradores de folhetins franceses, divulgados em massa, uma trama rica em acidentes bastava como pedra de toque do bom romance. Esse público aumentava à medida que os narradores iam adaptando a paisagem ao meio nacional, os esquemas de surpresa e de final feliz dos modelos europeus. José de Alencar respondia às exigências mais fortes dos leitores: reencontrar a própria e convencional realidade e projetar-se como herói ou heroína em peripécias com que não se depara a média dos mortais.

José de Alencar com o objetivo de compor um cenário da vida brasileira de seu tempo, luta pela formação de uma consciência nacional, pela busca da chamada "cor local" – aquele elemento diferenciador do Brasil em relação à Europa.

Os mitos mais atuantes na consciência coletiva do país e os de mais flagrante expressão na literatura romântica foram o da majestade e da opulência da natureza brasileira, elogiada sem reservas de entusiasmo, nos seus valores econômicos e estéticos; bem como, a igualdade de todos os brasileiros, não importando sua origem, européia, índia ou negra, ou sua mestiçagem (mamelucos ou mulatos).

Um ponto que é muito debatido são as influências sofridas pelo escritor nesse romance. José de Alencar viveu no Ceará e na Bahia, leu muito sobre os cronistas viajantes e fez muita pesquisa sobre a época colonialista. Tinha como objetivo perpetuar a imagem do índio e tentava fugir dos modelos europeus. Muitos episódios do livro são esclarecidos no final deste trabalho.

#### 4. A estética da recepção

*Não há conhecimento sem prazer, e nem a recíproca.*  
(Hans Robert Jauss)

A Estética da recepção, adotada para a análise da obra *O Guarani*, surgiu após o

<sup>2</sup> ALENCAR, José de. *O Guarani*. Rio de Janeiro: Tectonprint, 1857. Pg. 30-31

Formalismo Russo, e pertence à Corrente Sociológica, privilegiando o leitor.

No momento da leitura de uma obra, há uma fusão de horizontes de expectativas (bagagem trazida pelo leitor, o autor já tem mente a quem ele destina sua obra) do autor e do leitor. Pode haver uma identificação ou um estranhamento e daí uma avaliação estética da leitura. Se há estranhamento Jauss afirma que há a possibilidade de modificação e expansão do horizonte de expectativa e conseqüente valorização da obra. Para Maria da Glória Bordini, quanto mais leituras o indivíduo acumula, maior a propensão para a modificação de seus horizontes. A obra "difícil" provoca um certo desconforto, mas também certo desafio e curiosidade, e é que Jauss pretende na sua Estética da recepção.<sup>1</sup>

Há uma sensação de conforto quando acontece o contrário, isto é, se a obra lida reintera (reafirma), acentua o sistema de normas e valores do leitor, mas não há uma expansão do horizonte de expectativa.

Exemplo: Leitura de massa, Obras pré-fabricadas.

Para a percepção de inovação do texto, o leitor precisa conhecer o gênero, as formas e temas de obras famosas anteriores. Precisa entender as repercussões sobre a época (como repercutiu tal obra naquela época). É necessário comparar elementos extra-literários, através do contexto histórico e cultural que ajudarão o leitor a compreender e valorizar a obra analisada.

O processo de recepção se completa quando o leitor tiver comparado a obra em análise com os elementos da sua cultura e de seu tempo, e incluí-la ou não no seu horizonte de expectativa.

Elementos que caracterizam a experiência estética:

1. "Poesis"(poesia): Prazer de se sentir co-autor da obra.

2. "Aisthesis"(estética): Efeito provocado pela arte, renovando a percepção do mundo circundante.

3. "Katharsis"(catarse): Processo de identificação que leva o espectador a assumir novas normas de comportamento social. É a característica básica da arte segundo Jauss:

*A experiência estética é amputada de suas funções primárias, se for limitada às categorias de emancipação e afirmação,*

*inovação e reprodução e se não se estabelecer o equilíbrio entre a negatividade constitutiva da arte e a identificação enquanto contrapartida estético-recepcional daquela.*

A obra romântica (indianista) *O Guarani* será analisada, aqui, sob o enfoque da Estética da Recepção, que privilegia o texto e o seu leitor (receptor) aceitando desse múltiplas interpretações sobre aquele. A Estética da recepção tem em Hans Robert Jauss seu maior expoente. Ele defende que a obra, acima de tudo, deve provocar um certo prazer em quem a lê. Como afirma Regina Zilbermam:

*A atitude de prazer que a arte provoca e possibilita, é a experiência estética primordial. Ela não pode ser suprimida; pelo contrário, deve voltar a ser objeto da reflexão teórica, quando se trata hoje de defender a função social da arte e da ciência que a serve contra os que – letrados ou iletrados – suspeitam dela.<sup>2</sup>*

Para Jauss, a recepção do texto exige três processos: compreensão, interpretação e retrospectiva histórica. A compreensão de uma obra implica em fazer uma síntese do texto, um resumo, isto é, relatar a história (enredo) de forma objetiva. Podemos caracterizar a apresentação como uma "leitura" a fim de situar-se sobre o assunto a ser tratado. Segundo esses aspectos indispensáveis para a recepção do texto, passa-se a analisar a obra *O Guarani* com algumas inferências pessoais feitas ao longo do trabalho.

## 5. A obra *O Guarani*, sob o enfoque da estética da recepção

A obra *O Guarani* constitui uma narrativa em 54 capítulos distribuídos em 4 partes: "Os aventureiros", "Peri", "Os Aimorés" e "A catástrofe" que desencadeiam toda a história. Estas 4 partes poderiam ser reduzidas em três etapas: a parte inicial, que introduz o cenário e os personagens, é caracterizada pela ausência de conflitos; uma segunda parte, onde os conflitos começam a se delinear, os personagens vão entrando em choque até a quase destruição total de todos eles; a última etapa, em que os personagens restantes passam a viver numa atmosfera harmônica semelhante a do princípio da história. Essas três partes ainda poderiam ser chamadas de princípio, clímax e desfecho, respectivamente.

<sup>1</sup> BORDINI, Maria da Glória. AGUIAR, Vera Teixeira de. *Leitura – a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, pg. 89.

<sup>2</sup> ZILBERMAM, Regina. *Estética da Recepção e História da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

O cenário da história (lugar onde acontecem os fatos) é preenchido pelo rio Paquequer e pelo rio Paraíba, pelas florestas e pela casa de D. Antônio de Mariz.

O rio Paquequer é descrito como um enorme rio, com correnteza forte, que alaga floresta, pois lhe falta espaço. O rio Paraíba, um rio menor com águas mansas, submisso ao rio maior. Há aqueles que tentaram provar o real lugar onde ficava a casa do fidalgo português ou o rio Paquequer, mas a geografia dos românticos era geralmente fantasia, o rio era fictício. Pode-se dizer que, a relação existente entre os dois rios é igual ao medievalismo. Como se pode verificar:

*Der-se-ia que vassalo e tributário desse rei das águas, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suserano. Perde então a beleza selvática; suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos e canoas que resvalam sobre elas; escravo submisso, sofre o látigo da senhor. (p. 25)*

As florestas, onde habitavam os índios Guaranis, Aimorés e Peri, eram virgens e se estendiam ao longo das margens do rio.

A casa de D. Antônio de Mariz, situada a margem direita do rio, era larga e espaçosa. O prédio era edificado com arquitetura simples, mas bonita. Interiormente, até continha um certo luxo. Nota-se, também, que há uma espécie de harmonia entre a natureza e a cultura (arte). Isso ocorre, por exemplo, quando o autor descreve a escada (meia de madeira, meia de rocha) existente na casa de D. Antônio de Mariz:

*...do lado norte havia uma espécie de escada de lajedo feita metade pela natureza e metade pela arte. (p.26)*

Em meio a esse cenário, onde se misturam elementos da natureza com os da civilização é que se desenrola a história de *O Guarani*.

Tudo inicia quando D. Antônio de Mariz, fidalgo leal português, um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro, homem de valor, experimentado na guerra, retira-se do serviço e vai estabelecer-se na sesmaria de Mem de Sá, época em que D. Felipe, Rei da Espanha, é aclamado no Brasil. [Isso já nos mostra que esse fidalgo é uma pessoa influente ou, pelo menos, simpático a homens influentes].

D. Antônio vai morar às margens do rio

Paquequer, em sua casa construída com todo o luxo e conforto, rodeado de florestas, juntamente com sua família. D. Lauriana, sua esposa, era uma dama paulista de bom coração, mas com um certo ímpeto de nobreza exagerada e um pouco de egoísmo. Seu filho, Diogo, era seu bom companheiro e gostava de ir à floresta caçar. [O que não significa que fosse um bom caçador, tanto que cometeu um grave descuido que será comentado mais adiante]. Isabel é uma sobrinha do chefe da família, que mora com eles, é uma bela moça morena, olhos negros, lábios desdenhosos, sorriso provocador:

*Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhosos, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível. (p. 45)*

Cecília, a filha do casal Mariz, por sua vez, é a "flor" dessa história. De grandes olhos azuis, lábios vermelhos e úmidos, cabelos compridos, loiros e encaracolados, ela é a verdadeira alegria e motivo de admiração de todos. Essa bela moça é meiga e trata com carinho todos que a rodeiam. Suas características físicas são pintadas com cores angelicais, sua cor preferida é o azul:

*Os longos cabelos loiros, enrolados negligentemente em ricas tranças, descobriam a fronte alva, e caíam em volta do pescoço presos por uma rendilha finíssima de fios de palha cor de ouro, feita com uma arte e perfeição admirável. (p. 44)*

Porém, não consegue deixar de transparecer que tem os seus momentos de menina mimada e até mesmo estúpida, como podemos notar na seguinte passagem quando Álvaro (um de seus admiradores e amigo de seu pai) volta de uma caçada e lhe oferece um presente:

- E mais o que? Perguntou Cecília.

- E mais uma coisa que não pediste.

-Esta não quero! Respondeu a moça com um ligeiro enfado.

À margem direita do rio Paquequer, que tinha ao longo de sua extensão uma floresta virgem, foi construída com muito luxo e conforto, a morada dessa nobre família.

*Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para o drama dos majestosos elementos.*

Nota-se também um retorno ao passado histórico através do herói nacional na figura do índio Peri. De acordo com a Estética da Recepção

<sup>1</sup> ALENCAR, José de. *O Guarani*. Rio de Janeiro: Tecniprint, 1857, Pg. 25. Doravante, a obra e o número da página serão indicadas nas citações do romance.

pode-se dizer que o autor espera que haja uma compatibilidade do seu horizonte de expectativa com o do leitor. Caso contrário, cabe ao leitor ampliar seus horizontes – no caso, fazer uma pesquisa histórica sobre a figura do índio no descobrimento do Brasil – para poder preencher aquelas lacunas que se formam quando a leitura é incompleta. O valor que a obra assume numa sociedade é de acordo como ela é lida, como ela é compreendida pelo seu público. Ela perdura no tempo na medida que sua história central ou seus vários conflitos têm de ser repensados já que a sociedade e os acontecimentos também mudam. Segundo Jauss a história das recepções de uma obra define o seu valor estético. Por exemplo, o leitor precisa saber quem é realmente o índio brasileiro para poder compará-lo a Peri.]

Peri é um jovem nativo brasileiro, que vive na floresta, que circunda a grande casa. É um homem forte, tem pele cor de cobre, cabelos negros, olhos grandes, boca forte e bem modelada e alvos dentes. Toma-se um grande amigo da família Mariz por salvar Ceci (como ele próprio chama a moça – Ceci significa “doer, magoar”, na língua indígena), quando num piquenique em que se encontra toda a família, uma pedra vai rolar sobre a cabeça da moça, mas é impedida pelo índio. Desde então, Peri dedica inteiramente sua vida àquela moça, abandona sua tribo e inclusive sua mãe, que tanto lhe pede que não vá. Tudo isso é feito em função de um amor que toma o coração e a vida daquele selvagem. Tudo o que Ceci pede, para ele é uma ordem, quando Peri por exemplo, ao escutar um desejo da moça de ver uma onça, viva de perto, ele arrisca sua vida para vê-la feliz. Quando está no mato enfrentando a onça é avistado por uma bandeira, que está voltando do Rio de Janeiro, sob o comando de Álvaro de Sá, que lhe oferece ajuda, mas o índio decididamente não aceita. [ Ele nem mesmo tem medo de arriscar sua vida pela felicidade da moça. Tudo é em função dela, sem exceção. Ela nem sempre o trata com carinho, algumas vezes é um pouco estúpida, mas o índio não se importa espera apenas que ela se tome novamente a alegre e gentil Ceci. Logo no começo, quando Peri havia apenas começado seu contato com aquela família, Cecília não gostava muito do índio, o tratava mal. Assim, nota-se que Peri não é um personagem autêntico, mas sim idealizado, estilizado, europeizado. O leitor precisa fazer um discernimento entre o índio de verdade e Peri. É claro, essa é uma estratégia do narrador para tornar a leitura mais agradável, ou melhor, para prender o leitor à obra.]

Aparece, também, Loredano, um homem de sotaque italiano, personagem muito importante, que faz parte daquela bandeira. É um dos

cavaleiros de D. Antônio. Chega um dia à casa da família Mariz, pede-lhes guarda e é aceito. [O chefe daquela casa desconhece o verdadeiro caráter, que é o pior possível, daquele homem que, na verdade, é o ex-frei, Ângelo de Luca. Este é o terceiro apaixonado por Cecília. Segundo Affonso Romano de Sant’anna, “Loredano deseja – é uma loucura; Álvaro ama – é uma paixão; Peri adora – é uma religião”. Loredano “é o aventureiro de baixa extração”, Álvaro, “cavalheiro dedicado e cortês” e Peri é aquele ser superior “onde não entrava um só sentimento de egoísmo” (p.67-1973).] Este triângulo apaixonado é descrito na obra:

*Loredano desejava, Álvaro amava, Peri adorava. O aventureiro arrostaria a morte para merecer um olhar; o selvagem se mataria, se preciso fosse, só para fazer Cecília sorrir. (p. 66)*

[Loredano no entanto, não deixa transparecer seus sentimentos, a não ser quando ele decide agir de maneira diferente. Na realidade ele tem ciúmes de Álvaro e medo da concorrência.]

O prazer, o amor e a adoração deles para com Ceci gera a impossibilidade de conciliação e o tema do romance termina por justificar isso. Ceci é o objeto, a única razão que une os três pretendentes.

Peri salva a vida da bela filha de D. Antônio pela segunda vez quando ela e a prima, Isabel, estão tomando banho no rio e são espreitadas por uns selvagens que querem azejá-las. A flecha acaba por atingir Peri e, é claro, que lá estava ele salvando sua dama. Sendo assim, a pedido de Ceci, D. Antônio não tem coragem de mandar o índio embora, o que já estava nos seus planos; não por vontade própria, mas por um pedido da esposa que, por sua vez, não era muito favorável à presença do selvagem nos arredores da casa.

O filho de Ararê, chefe dos Goitacás - Peri - está na mata quando escuta uma conversa entre Loredano e seus cúmplices, Bento Simões e Rui Soeiro. Eles estão a conversar sobre o grande plano e o segredo de Loredano. Seu desejo é tomar Cecília para si, achar as minas de prata, das quais ele tinha um mapa que havia conseguido com Fernão Aires, em seu leito de morte, e voltar à Europa com muita riqueza em mãos.

A partir daí a história começa a ficar realmente tensa. Outra parte do segredo de Loredano é que ele pretende atacar a grande casa, incendiar tudo, exceto Cecília, sua amada. Além disso, Peri fica sabendo que os índios Aimorés também pretendem fazer um ataque, já que D. Diogo acidentalmente matara uma índia daquela tribo, quando estava em uma de suas caçadas.

Loredano consegue colocar contra D. Antônio todos os empregados que estão dispostos e prontos para o ataque, com exceção de quatro aventureiros que se arrependem e pedem perdão ao bom senhor, D. Antônio, que o concede. Peri luta muito para proteger aquela família, fica mirabolando várias estratégias de defesa. Salva Ceci de uma tentativa de rapto de Loredano. O clima fica tenso. Do lado de fora os cavaleiros revoltados que, por sua vez, também temiam os Aimorés, resolvem deixar um pouco de lado a idéia do ataque para se preocuparem com sua própria defesa a um possível ataque daquela tribo.

Isabel, às escondidas, confessa o seu imenso amor a Álvaro, que pouco a pouco não consegue evitar o mesmo sentimento (ainda que tendo prometido a D. Antônio que ficaria com Cecília, mesmo não correspondido por ela).

Peri percebe que não há mais nada a fazer, desobedece D. Antônio e Cecília e sai à procura de socorro. Após lutar bravamente, é capturado pelos Aimorés, porém liberto por Álvaro. Os cavaleiros rebeldes, juntamente com seu líder, Loredano, são mortos em meio a tanta violência. O filho de Araré leva para casa o corpo de Álvaro – moribundo – fato que leva Isabel ao suicídio.

Peri, mesmo em meio a tanto transtorno, é batizado cristão por D. Antônio. [Para mostrar a questão da religiosidade presente no Romantismo.] Depois partem numa canoa para o rio, solitários, o índio e sua amada Ceci numa tentativa única de sobrevivência. Com tristeza no coração Peri assiste, de dentro de sua canoa, o fim de seus amigos e daquela grande casa, num cruel incêndio. Pensa ele, depois de alguns dias, que tudo está em paz, quando inesperadamente, acontece uma espécie de "dilúvio", o rio Paquequer. [Parece que José de Alencar tinha uma verdadeira fixação por rio, justificando talvez, o final desta obra com a presença importante do rio. A água sobe ao topo do céu, e o índio e Ceci sobem no topo de uma árvore e chegam até o céu, a morada de Deus. Cremos que esse é um final considerado fantástico, ele desvia totalmente o leitor de sua vida real, apontando para a construção da nossa nacionalidade. Nesse sentido o rio representa o "caminho" que passamos a percorrer como nação.]

Em *O Guarani*, há grandes oposições, conforme nos afirma Alfonso Romano de Sant'anna, José de Alencar nos apresenta os personagens aos pares: D. Antônio fidalgo português e sua esposa D. Lauriana de origem paulista, não fidalga; Ceci, filha legítima, e Isabel filha "dos amores do fidalgo por uma índia. Álvaro, cavaleiro, versus Loredano, aventureiro; Isabel inimiga de Peri; "Ceci amiga de Peri". Álvaro –

típico cavaleiro, segundo os cânones medievais, pretende a mão de Cecília; Loredano – bandoleiro assassino, planeja destruir a família de D. Antônio e raptar-lhe a filha. A oposição entre ambos é indicada através da linguagem em que se expressam. A fala de Álvaro é cortês e bem cuidada, externando sua fidalguia; a de Loredano é estranha/estrangeira e se expressa com sotaque italiano furtivamente através de anexins. Outra oposição que ocorre é entre Ceci, loira, e Isabel, morena. É de notar que o próprio Alencar estava consciente dessa oposição, ainda que utilizando outra terminologia, pois saindo do plano da história, freqüentemente faz paralelos entre o que chama de "vida selvagem" e "civilização", ou entre duas naturezas, uma filha da civilização e outra filha da liberdade selvagem. A primeira descrição é a de Ceci segundo a norma romântica de integrar a roupa, a moral e a fisionomia dentro de um mesmo composto significante da personalidade do tipo. Isabel, como sempre, vem em segundo lugar. Enquanto uma é aproximada das flores e dos pássaros dando idéia do inefável, gracioso e infantil, a outra tem traços humanos mais marcados. Embora seus traços de beleza, o autor insiste em fixá-la como "o tipo brasileiro", com languidez, malícia, indolência e vivacidade, com cabelos pretos, "lábios desdenhosos" - trazendo-a mais para perto do terreno, em oposição a Ceci, pintada com cores angelicais. Ceci, enfim, significaria a própria vida e sua essência, e Isabel, já comprometida pela mestiçagem de sua origem, é a portadora do veneno, que de uma maneira ou de outra, a eliminaria.<sup>4</sup>

Encontraremos na descrição das relações sentimentais de dois personagens masculinos, a mesma oposição que existe entre Ceci e Isabel, é a que existe entre Peri e Álvaro. Não há aqui exatamente inimizade. Esses elementos, no entanto, iniciam um circuito e vão mudando suas posições na história, de tal maneira que no princípio temos: Peri: Álvaro: : Isabel: Ceci, mas no fim da narrativa, com a aproximação de Álvaro/Isabel pela morte e Peri/Ceci pela vida, teremos: Isabel: Álvaro: : Ceci: Peri.

Os Goitacáses podem ser tomados dentro de uma perspectiva positiva, pois são dóceis e nobres, os Aimorés são descritos com "fisionomias sinistras, nas quais a braveza, ignorância e os instintos carniceiros tinham quase de todo apagado o cunho da raça humana" (p. 94).

Também há uma relação de proporção: D. Antônio salvou a mãe de Peri das mãos de aventureiros, assim como Peri salvou Ceci de ser

<sup>4</sup> SANT'ANA, Alfonso Romano de. *Análise estrutural de Romances brasileiros*. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

esmagada sobre uma rocha. Equilibra-se a situação – fidalgo salva índio, assim como índio salva fidalgo. Outra situação é quando Peri salva Álvaro de ser morto traiçoeiramente por Loredano, assim como Álvaro impede que Peri seja morto pelo cacique Aimoré.

Percebe-se, ainda, que o narrador direciona sobre a obra dois enfoques: a busca do passado nacional, que o conduz à Idade Média europeia e à Ideologia Romântica Indianista.

No plano do medievalismo, o autor retrocede à Idade Média. Assim, a casa de D. Antônio de Mariz pode ser vista como uma fortaleza, abrigando vassallos em torno do suserano.

A função que exercia Peri no que se refere a Ceci e a sua família era a servidão. A relação que os unia era a lealdade. Isso é perceptível quando o próprio índio (Peri) chama a Ceci de lara, que significa senhora, na língua Guarani. Essa relação de submissão é muito clara na obra:

*(...)samente como a nuvem não é da terra e o homem não pode tocá-la, Peri morria e ia pedir ao Senhor do céu a nuvem para dar a Ceci. (p. 70)*

Por outro lado, a caracterização indianista na obra possibilita a José de Alencar desenvolver a ideologia romântica, que vê no índio e na vida selvagens os ideais de liberdade, pureza e essencialidade. Peri evidenciaria a originalidade e o nacionalismo brasileiro, apesar de não ser um índio autêntico, puramente nacional. Peri é um índio idealizado, europeizado, meio português, meio brasileiro. Tanto isso é verdade que na própria obra, pode-se perceber como Peri é definido:

*(...)Juni cavalheiro português no corpo de um selvagem. (Pg. 58)*

Nesse sentido Oswald de Andrade afirma:

*O índio de senador do Imperador. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.*

Essa não autenticidade do índio Peri, provém das influências de escritores portugueses, por quem José de Alencar deixara-se persuadir. Isso é perceptível, no momento em que se compara a obra *O Guarani* com *Eurico: o Presbítero*, de Alexandre Herculano. Há episódios semelhantes como afirma Brito Broca:

*Até algumas palavras se repetem. Não resta dúvida de que o episódio foi decalcado no romance de Herculano.<sup>7</sup>*

A linguagem usada na obra, porém, é uma língua mais brasileira do que portuguesa (a língua geral), isto é, o narrador mostrou como falava o povo brasileiro da época, dando assim originalidade a sua obra.

É importante salientar, a relação metonímica entre sujeito e objeto que também serve para caracterizar os personagens. Por exemplo: Peri doa aves, flores, animais à Ceci; Álvaro doa um bracelete à Ceci; Ceci doa duas pistolas a Peri. Nota-se, portanto que o caráter bem como o sentimento de cada personagem em relação a outro, está no objeto que lhe é doado, ou seja, em seus atos. Há também a relação da natureza com o dinheiro, Peri doa a Ceci o que vem da natureza, já Álvaro doa o que o dinheiro pode comprar.

Peri é o protagonista e herói da obra *O Guarani*. É um índio/escravo que faz todas as vontades da família de D. Antônio, principalmente as de Ceci. É um servo perfeito, que adivinha até os pensamentos de sua senhora, e chegaria a dar sua própria vida para realizar os desejos de Ceci. Podemos perceber isso no momento em que ele mata a onça que iria atacar Cecília:

*Esta luta durou minutos; o índio, com os pés apoiados fortemente nas pernas da onça, e o corpo inclinado sobre a forquilha mantinha assim imóvel a fera que há pouco corria a mata não encontrando obstáculos a sua imagem.<sup>8</sup>*

Ceci, entretanto, soube habilidosamente de algum modo ferir o caráter do selvagem, como afirma Araripe Júnior:

*Se há porventura, alguma falta em Peri, esta consiste somente no demasiado sentimentalismo de que ele se adorna, assim como também na abdicação cega que faz da liberdade para acorrentar-se como um escravo submisso aos pés daquela a quem em sua rude linguagem chama lara.<sup>9</sup>*

José de Alencar teria tranquilizado o leitor da época de 1850, se tivesse explicado o que se passou com Peri e Ceci depois do dilúvio. Também, poderia ter feito com a família de D.

<sup>7</sup> BROCA, Brito. *Românticos, Pré-Românticos, Ultra-Românticos*. São Paulo: Polis, 1979. Pg. 241

<sup>8</sup> ALENCAR, José de. *O Guarani*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1857. Pg. 42

<sup>9</sup> JÚNIOR, Araripe. *Teoria Crítica e História da Literatura*. São Paulo, 1978



Antônio de Mariz se salvasse, seja através de regresso de D. Diogo com armas e soldados do Rio de Janeiro, seja pela intervenção dos guaranis, amigos de Peri. Talvez, para evitar o afrontamento e não o consentimento da família de Ceci, no que diz respeito a sua união com o índio, é que o autor os faz desaparecer.

Na obra, o autor jamais mostra explicitamente o sentimento de amor de Ceci para com Peri. O autor deixa essa lacuna para que o leitor a preencha. O leitor sabe do amor que Ceci tem por Peri, embora isso não seja dito pelo autor. É visto pelos fatos e ações na história. Já o amor que Peri nutre por Ceci, José de Alencar faz questão de frisar, em toda a narrativa, como uma espécie de adoração.

O final que Alencar atribuiu à obra estranhou o leitor da época. Isso porque não se esperava que ocorresse essa união entre índio e branco. Logo, o horizonte de expectativas do leitor daquele período alargou-se, pois causou estranhamento. Já, para o leitor de hoje, o desfecho da obra não causa estranheza e sim identificação, pois ele espera que Peri e Ceci fiquem juntos no final. Portanto, o horizonte de expectativas do leitor atual não é alterado.

O desfecho da obra já é mostrado por José de Alencar, no meio do enredo, onde comenta o que Peri poderia fazer a sua senhora: (p. 168)

*(...sacrificaria o mundo se possível fosse contando como Noé, salvar uma palmeira e abrigar Cecília...<sup>10</sup>*

E realmente, no final, Peri salva Ceci com uma palmeira. Também cabe ressaltar que, o autor compara a ação do herói Peri com a do mito Noé. Segundo Affonso Romano de Sant'anna, José de Alencar mitifica o índio e utiliza o mito de Noé para fechar sua história.

A retrospectiva histórica para a Estética da Recepção consiste na contextualização da obra dentro do período social, histórico e literário a que pertence.

O *Guarani* foi escrito em 1857, 35 anos depois da Independência do Brasil. Na obra, o autor não faz referências do tempo, de como era a sociedade da época quando escreveu a obra. Ele segue a concepção romântica, à qual fugiam da realidade em busca do passado (a Idade Média).

A grande riqueza da natureza brasileira, segundo Adilson Citelli, constitui mais um dos símbolos românticos que revestido de um forte

colorido afetivo procura traços psicológicos correspondentes e que caracterizem a nossa identidade. São opostas as características do brasileiro com as do europeu, isso faz com que essa idéia contribua para definir um pouco o Brasil.

Outro elemento de identificação nacional foi a linguagem. Nos períodos anteriores, os escritores brasileiros mantiveram-se presos aos modelos portugueses. No romantismo, e sobretudo com José de Alencar, a linguagem procura o elemento nacional: incorporam-se regionalismos, termos indígenas, expressões e construções do feitiço nacional.

O leitor de *O Guarani*, daquele momento não se identificou com o final que o autor dera a obra, pelo conservadorismo da época (índio e branco jamais poderiam ter um relacionamento, qualquer que fosse). Já, o leitor atual se identifica com o desfecho pois aceita que índio e branco possam relacionar-se sem restrição alguma.

Assim, pode-se perceber que há diferenças de recepção do leitor de uma época para a outra em decorrência da evolução normal dos séculos, o tempo avança e a sociedade vai acompanhando essa evolução e aceitando mais facilmente situações que antes não eram permitidas.

## Referências bibliográficas

- ALENCAR, José de. *O Guarani*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1857.
- ABDALA JÚNIOR, Benjamin e CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1985.
- BORDINI, Maria da Glória. AGUIAR, Vera Teixeira de. *Leitura - a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos*. São Paulo: Polis, 1979.
- CITELLI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo: Ática, 1986.
- JÚNIOR, Araripe. *Teoria Crítica e História da Literatura*. São Paulo, 1978.
- SANT'ANA, Afonso Romano de. *Análise Estrutural de Romances Brasileiros*. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

<sup>10</sup> ALENCAR, José de. *O Guarani*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1857. Pg. 168